

Eduardo A. Tomanik (Coordenador)

Lucy Mara Paiola (Doutoranda)

### INTRODUÇÃO

O turismo vem sendo apontado como uma atividade que apresenta grande potencial de geração de renda. Além disto, é normalmente considerado e divulgado como atividade não poluente.

Em relação aos aspectos econômicos, de acordo com Lemos (1999), ao final da década de 1990 as atividades turísticas geravam em torno de 212 milhões de empregos no mundo todo e eram responsáveis pela movimentação de cerca de 3,4 trilhões de dólares a cada ano. Estimativas apontavam que, ao final da década seguinte, estes números deveriam aumentar para 338 milhões de empregos e 7,2 trilhões de dólares.

Dados como estes demonstram e confirmam o potencial econômico do turismo.

Por outro lado, dois fatores podem contribuir para que, apesar deste potencial, o turismo traga conseqüências negativas às regiões onde é desenvolvido.

O primeiro destes fatores são os possíveis impactos causados pelo afluxo de turistas sobre os recursos e condições naturais, paisagísticos e mesmo culturais das localidades receptoras.

O segundo fator é a possibilidade de que os benefícios e os custos advindos das atividades turísticas não sejam distribuídos de forma eqüitativa entre os moradores das regiões nas quais elas ocorrem.

A possibilidade da existência de fatores como estes torna recomendáveis a elaboração, implantação e manutenção de sistemas que aliem avaliação, planejamento e monitoramento contínuo das atividades turísticas, tanto para que seus efeitos benéficos sejam mantidos quanto para que seus impactos negativos sejam minorados ou, se possível, eliminados.

À curto prazo, a presente proposta visa criar as condições mínimas para a elaboração de propostas de gerenciamento das atividades turísticas em Porto Rico, Estado do Paraná, Brasil, a partir de uma avaliação inicial dos impactos econômicos e culturais que tais atividades vêm exercendo sobre grupos familiares de diferentes segmentos sociais locais.

O levantamento destas informações somadas às demais a serem investigadas permitirá a elaboração de um diagnóstico inicial, contemplando tanto aspectos micro quanto macro

sociais. Este diagnóstico deverá servir de base para a elaboração, discussão, implantação (pelos órgãos competentes) e avaliação de um plano de gestão do turismo local.

## PROCEDIMENTOS

Os resultados abaixo apresentados correspondem aos da primeira fase, dentre três previstas, da investigação, e têm sua origem numa pesquisa realizada junto a moradores locais, no período de 27/01 a 02/02/2006. A estratégia adotada consistiu em, a partir de um questionário e de um mapa do município com numeração das ruas, visitar as residências e solicitar a disposição, de um dos residentes, para responder o questionário. Para o estabelecimento da amostra utilizou-se da estratégia de visitar a primeira casa de cada rua e a partir desta, visitar uma a cada três, isto é, excluir duas casas a partir da casa visitada e visitar a próxima. Quando a residência a ser visitada estava fechada, ou seja, não havia morador presente no momento, o pesquisador dirigia-se à casa anterior e contava a casa vazia como uma daquelas a serem excluídas para a realização da próxima entrevista.

Nenhum dos visitados recusou-se a responder a pesquisa. Ao final do processo, haviam sido visitadas 1/3 das residências da localidade e realizadas 174 entrevistas.

As respostas dos entrevistados foram anotadas, transcritas para uma tabela de dados no Programa Excel, posteriormente foram submetidas à análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), e classificadas a partir de categorias eleitas tendo por base os conteúdos das respostas dos entrevistados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

No período de realização da coleta de dados, as idades dos entrevistados apresentaram a seguinte distribuição: 35 entre 15 e 30 anos, 67 entre 31 e 45 anos, 38 entre 46 a 60 anos, 29 entre 61 a 75 anos e 5 acima de 76 anos. Assim, todos já haviam ultrapassado a faixa etária na qual se prevê a conclusão dos níveis médios de ensino.

Apesar disto, dentre os 174 entrevistados, 32 eram analfabetos, 66 haviam cursado mas não concluído o ensino fundamental, 5 eram alfabetizados, embora não houvessem frequentado escolas e 11 haviam completado apenas o nível fundamental do ensino. No outro extremo da distribuição, 2 entrevistados haviam concluído cursos de pós-graduação, 9 possuíam diplomas de cursos superiores e 1 estava frequentando um destes cursos.

Na perspectiva das exigências do mercado atual de trabalho, os 114 entrevistados incluídos no primeiro agrupamento (65,5% do total) não teriam condições de concorrer a

vagas em postos de trabalho que envolvessem níveis médios de qualificação.

A distribuição das atividades profissionais exercidas pelos entrevistados vem ao encontro desta tendência: 37 eram aposentados, 28 trabalhavam apenas como donas de casa, 23 eram funcionários públicos, 16 pescadores, 13 diaristas (empregadas domésticas contratadas de forma eventual), 11 empregadas domésticas com contrato permanente, 9 desempregados, 6 trabalhadores em serviços gerais, 5 trabalhadores na construção civil, 5 comerciantes (proprietários de estabelecimentos comerciais), 4 comerciários (empregados em estabelecimentos comerciais), 2 vigias e outros 2 declararam-se líderes religiosos.

Além destas atividades, as de técnico de higiene dental, trabalhador rural, recepcionista, marceneiro, manicure, guarda noturno, cozinheira, catador de latinha, auxiliar de dentista, auxiliar administrativo e autônomo foram indicadas como exercidas, cada uma, por um entrevistado.

Quando perguntados se alguém, em suas famílias exercia alguma atividade ligada ao turismo, 106 entrevistados (60,9%) responderam que não. Os entrevistadores tomaram o cuidado de não oferecer aos entrevistados qualquer informação que pudesse direcionar suas considerações ou delimitar quais seriam as atividades direta ou indiretamente ligadas ao turismo. Portanto, a compreensão de haver ou não envolvimento familiar com o turismo foi a dos próprios entrevistados.

A resposta apresentada por um dos entrevistados não pode ser classificada nem com afirmativa nem como negativa e foi desconsiderada.

Entre os 67 que responderam afirmativamente, 28 disseram que eles próprios atuavam em atividades ligadas ao turismo. Esposos e filhos foram citados 17 e 14 vezes, respectivamente, o que indica a predominância da participação direta de alguém ligado ao núcleo familiar mais restrito. Além destes, cunhados, genros ou noras, irmãos, pais e mães, sogros, netos, padrastos e ex-maridos foram citados, em conjunto, 16 vezes. Um amigo foi citado uma vez, o que sugere uma compreensão ampla sobre o que seja o grupo familiar. No total, foram apontados 76 trabalhadores envolvidos com o turismo.

Segundo os entrevistados, estes trabalhadores atuam como barqueiros (16), empregadas domésticas (15), comerciantes (7), seguranças ou guardas noturnos (4), funcionários de Marina (4), trabalhadores em serviços gerais (4), pedreiros (3) e porteiros (3). Atividades como as de cozinheiro, caseiro, garçom, pescador, recepcionista de hotel e salva-vidas foram indicados 2 vezes cada uma. Além destas, as de artesão, trabalhador no aterro sanitário, comerciário, orientador turístico, empresário, jardineiro, padre e vendedor de iscas para os turistas foram citadas uma vez.

## O turismo

Independente de sua ligação com esta atividade, os 174 entrevistados foram convidados a falar sobre o que pensavam a respeito da existência do turismo na cidade de Porto Rico. A maior parte dos entrevistados (135, ou 77,6%) apresentou respostas que continham posicionamentos positivos; 20 respostas indicavam aspectos positivos e negativos e 9 apontavam apenas aspectos negativos. Além destes, 5 afirmaram apenas que as atividades turísticas não os incomodavam, 3 não souberam responder e 2 apresentaram respostas que não puderam ser enquadradas entre as categorias anteriores.

Assim, de uma forma geral, para os entrevistados, a existência de atividades turísticas na região, embora possa trazer alguns problemas, é vista como um fator muito positivo.

Os passos seguintes do processo de pesquisa visaram investigar os motivos que embasavam os posicionamentos dos entrevistados. Para isto, eles foram convidados a explicar porque consideravam o turismo da forma como o faziam. As respostas apresentadas por eles foram classificadas levando em conta os elementos que, segundo eles, eram influenciados positiva ou negativamente pelas atividades turísticas. Estes elementos incluíram: eles próprios e suas condições de vida, a coletividade, o ambiente e os turistas. Outras respostas não puderam ser enquadradas nestas categorias principais (Tabela 1).

**Tabela 1** O turismo: elementos influenciados e avaliação das influências

Elemento Influenciado	Avaliações				Soma
	positiva	negativa	positiva/ negativa	s.a.*	
Ambiente		4			4
Coletividade	109	10	7		126
Entrevistado	8	6			14
Turista	2				2
Opiniões pessoais	24				24
Não incomoda				4	4
Não sabe				6	6
Outras respostas				4	4
<b>Totais</b>	<b>143</b>	<b>20</b>	<b>7</b>	<b>14</b>	<b>184</b>

\* sem avaliação

Algumas respostas citavam mais de um elemento e, por isto, o total foi maior que o número de respondentes. As respostas classificadas como “opiniões pessoais” foram aquelas que consistiam apenas em comentários genéricos, tais como “é legal” ou “acho ótimo” sem serem complementadas por outras justificativas ou explicações para estes posicionamentos. É interessante destacar que nenhuma das respostas incluídas nesta categoria foi negativa em relação às atividades de turismo na localidade.

A cidade ou mesmo o conjunto dos habitantes foram tidos como os grandes beneficiados pelo afluxo de turistas. Algumas das respostas deste agrupamento consistiam em comentários como “[...] eu acho bom, que dá serviço pro povo”; “é bom porque tá dando serviço prá mulher [...]”, “é bom que movimenta a cidade, gera emprego”; “[...] muito importante, traz benefício pro comércio” e “[...] o que dá serviço pra população é o turismo, ajuda o município”.

Por outro lado, 10 respostas apontaram conseqüências negativas para a coletividade, através de comentários como “a única coisa ruim é que não pode mais ter fábrica, a de torneira fechou porque os turistas começaram a reclamar do cheiro e tiveram que fechar. O porto de areia teve que parar, quer dizer, trouxe só as construções e isso vai acabar [...] aí não sei como vai ser”; “é pior, a cidade piora porque aumenta os preços das coisas e a gente tem que sair [da localidade] pra comprar as coisas, e eles deixam a carne melhor para os turistas, os preços dos terrenos e dos impostos aumentaram”; “ficou ruim porque não valorizam o trabalho daqui, deveriam gerar outro tipo de serviço, pois tem mais para as mulheres e falta para os homens”. Alguns dos comentários eram dirigidos contra os turistas “é ruim quando as pessoas vêm com drogas e também abusam de algumas pessoas”. Outros, porém, voltaram-se contra os próprios habitantes do local, ou contra alguns deles “o duro são os moradores daqui que explora a gente prá caramba”; “[...] os responsáveis da cidade devia pensar mais nos moradores da cidade e não só nos turistas”.

Alguns entrevistados consideraram a existência, ao lado de fatores positivos, de impactos extremamente negativos para os habitantes da localidade. Um deles, por exemplo, disse considerar o turismo local como “excelente, visando o crescimento, gera trabalho em todas as áreas, é necessário. Mas o turismo traz conseqüências para a família, mesmo tendo seu lado bom, com o turismo têm aumentado as drogas e a prostituição criando, assim, divisão nas famílias, e como as meninas [menores de 18 anos] não podem trabalhar, se prostituem com os turistas a preço de bala”.

As respostas que traziam avaliações a respeito do impacto das atividades turísticas sobre o ambiente envolveram comentários bastante agressivos, ainda que alguns fossem

abrandados pelo reconhecimento de outras formas de benefício “eu acho que não tem vantagem nenhuma, eles só vêm pra sujar [...], porque traz comida de casa”; “é bom para cidade, mas às vezes não cuidam tanto da natureza, deixam poluição nos rios”.

Entre os que consideraram que o turismo local trazia benefícios para eles próprios, houve os que citaram as oportunidades de trabalho (“para nós que trabalha na construção civil é muito bom [...]”), os que destacaram as oportunidade de “crescimento pessoal” pois graças ao afluxo de turistas era possível “[...] conhecer pessoas novas” e mesmo um que disse, simplesmente, que considerava divertido ver os turistas passando, passeando ou brincando, com suas embarcações, no rio.

Os que adotaram posicionamentos opostos afirmaram, por exemplo, que “[...] tá tudo tão caro que vou fazer compras em Loanda”; “[...] os preço sobe tudo, eu num faço compra aqui, é muito caro. Falam que tenho que ajudar a nossa cidade mas quem vai me ajudar? Os preços são muito alto. Uma data [terreno] aqui é mais cara que em Loanda”. Além disso, uma entrevistada afirmou que o turismo “[...] Trouxe droga e prostituição, isso na minha época de moça só via na televisão”.

Apenas 14 respostas (7,6% do total) traziam comentários a respeito dos impactos do turismo sobre os próprios entrevistados; em 8 delas os impactos eram apontados como positivos. Estes dois agrupamentos de respostas, comparados ao número de avaliações positivas sobre o turismo, sugerem que, para os moradores locais, as atividades turísticas podem até trazer benefícios para a cidade ou para o conjunto dos moradores, considerados de forma genérica, mas muito pouco para eles próprios.

Se lembrarmos que 76 pessoas, entre os respondentes e seus familiares, exerciam atividades profissionais, segundo eles próprios, ligadas ao turismo, os mesmos agrupamentos reforçam a suposição de que, se o turismo vem produzindo efeitos especialmente positivos para a cidade ou para alguns dos moradores, estes benefícios não estão atingindo a todos. Mais ainda, parecem ficar restritos a poucos, já que mesmo os que trabalham em atividades relacionadas ao turismo sentem pouco os impactos, tanto positivos quanto negativos, da presença dos turistas na região.

## **A vida**

Outra pergunta apresentada aos entrevistados foi “como era a vida antes dos turistas passarem a vir para cá?”.

**Tabela 2** - A vida antes da presença dos turistas: elementos influenciados e avaliação das influências

Elemento Influenciado	Avaliação				Soma
	melhor	pioir	igual	s.a.*	
Ambiente	3	1			4
Coletividade	45	45			90
Economia	20	40			60
Entrevistado	5				5
Lazer		1			1
Sem definição	4	2	5		11
Não sabe				29	29
Outras respostas				4	4
<b>Totais</b>	<b>77</b>	<b>89</b>	<b>5</b>	<b>33</b>	<b>204</b>

\* sem avaliação

Entre as respostas que apontavam a vida com tendo sido melhor, antes do início ou da intensificação das atividades turísticas na região e especialmente na cidade, as que consideravam que o ambiente era melhor apontavam que, antes, se “pegava muito peixe”. Em relação à coletividade, as considerações eram de que anteriormente havia “menos desemprego, mais calma” e a cidade era “[...] menos violenta”; “era uma vida tão boa que tinha mais paz, o turista quando entra se acha o dono da cidade e fica lá em cima e a comunidade lá em baixo”.

Economicamente, Porto Rico foi apontado como tendo sido um local melhor que agora porque “era mais movimentado que a região, pegava fila de caminhão para desembarcar e levar mercadoria (grãos) pra São Paulo”. Alguns entrevistados afirmaram que, antes, viviam melhor que agora. Outros apresentaram apenas afirmações de que, anteriormente “era bom” ou “era bom, mais calmo”, sem outras explicações ou justificativas.

Em contraposição, outras respostas apontavam para uma evolução positiva. Sob o ponto de vista do ambiente, por exemplo, anteriormente “as casas eram tudo de tábuas, era só capim na cidade, era pior que sítio, mas tinha luz, era tudo barro, não tinha estrada, os ônibus eram feios, água era tudo de poço”. Em resumo, a “cidade era um fracasso, a barranca era um buraco e os turistas evoluíram a cidade”.

Em relação ao conjunto dos moradores, “era mais pacata, era parada a cidade”. As respostas que apontam melhoras para a comunidade e para economia local são bastante próximas, já que o bem estar da comunidade depende, em grande parte, das atividades econômicas. Por isto, antes da vinda dos turistas, “era pior, não tinha salário para os caseiros, não tinha nada”; “aquele tempo não tinha nada, não tinha tanto emprego como hoje [...] A cidade era uma merda, as mulheres trabalham de doméstica, hoje tem serviço, antigamente não tinha muita coisa não”.

Em relação às oportunidades de lazer, antes “não tinha nada, nada diferente. Agora a gente faz bastante amizade diferente...”. Outras respostas consistiam apenas em afirmações de que o período anterior à vinda dos turistas havia sido “ruim, muito ruim”.

Para alguns entrevistados, a presença dos turistas não havia produzido alterações nas condições de vida locais. Um destes afirmou: “desde que me conheço por gente sempre teve turista aqui”. Um grupo de 29 entrevistados disse não saber responder à pergunta. Entre estes, alguns explicaram que anteriormente moravam nas ilhas e, por isto, não podiam avaliar as transformações ocorridas no núcleo urbano.

## DISCUSSÕES E CONCLUSÕES

Os dados aqui apresentados constituem apenas parte dos obtidos na pesquisa. As análises do total das informações, ainda em execução, poderão e deverão produzir outros raciocínios e mesmo aprimorar os direcionamentos sugeridos neste relatório. De qualquer forma, os dados aqui expostos já nos permitem adiantar algumas reflexões, especialmente se considerados em conjunto com alguns elementos teóricos sobre o progresso e os impactos do turismo.

Segundo autores como Dupas (2006), Almeida (1997), e Ribeiro (1992), a noção de progresso diz respeito a uma melhoria. Ele pode e deve ser aspirado, desejado e planejado, para que ocorra. Planejamentos, por sua vez, envolvem a escolha de objetivos, de estratégias e o estabelecimento de uma certa ordem. Dependem, ainda, do pré-estabelecimento de alguns referenciais, à partir dos quais os resultados obtidos possam ser avaliados, ou seja, para que se possa verificar se o progresso esperado e desejado vem ou não ocorrendo.

Para Ribeiro (1992), progresso e desenvolvimento se unem no imaginário coletivo, se fundem como num amálgama. Os elementos que fazem essa liga, que agem no imaginário coletivo, são os sistemas ideacionais. Um sistema ideacional, para ele, é um sistema simbólico, composto de idéias, valores, regras e normas, por meio do qual se desenrola uma

luta por hegemonia, seja por intermédio de ideologias (conjuntos de interpretações do passado), seja por intermédio de utopias (interpretações do futuro) com vistas à manipulação ou à simples interpretação do presente.

“Uma das práticas que tem alimentado as expectativas de desenvolvimento econômico tem sido a atividade do turismo. A princípio era considerada apenas uma atividade econômica, porém, quase um século depois da primeira elaboração, revendo o conceito, Torre insere novos elementos à atividade, isto é, mantém o aspecto econômico, porém, soma a ele os aspectos social e cultural” (Ignarra, 2000, p.24).

No entanto, trabalhos como os de Milani e Droulers (2002), têm apontado impactos tanto positivos quanto negativos, associados ao desenvolvimento de atividades turísticas. Entre os impactos positivos citam a conservação de áreas ambientais por meio de estratégias de gestão, as melhorias na infraestrutura, possibilitando maior e melhor acesso aos locais e maiores conhecimentos acerca das localidades e regiões envolvidas. Podem ocorrer acréscimos nas receitas, ofertas de emprego e condições econômicas para os trabalhadores envolvidos nestas atividades. As melhorias podem estender-se, também, para um sentimento de orgulho, por parte dos moradores, em relação ao costumes, valores e hábitos locais e isto pode produzir maior empenho, por parte deles, na promoção das atividades turísticas em suas localidades.

Quanto aos aspectos potencialmente negativos, Milani e Droulers (2002) citam a especulação imobiliária associada à valorização econômica dos espaços físicos, o desenvolvimento descontrolado do comércio local, elevação dos preços no comércio em razão da perda do referencial de que é o turismo que deve ser explorado e não o turista (e o morador local, em consequência). Como o fluxo de visitantes é, frequentemente, sazonal, a comercialização também o é, o que, por falta de compreensão do processo, por parte dos comerciantes locais, os leva a pensar que devem aumentar, ou manter, os preços das mercadorias na baixa temporada para manter os ganhos da alta temporada.

O desenvolvimento do turismo pode gerar ou contribuir, continuam os autores, segregações econômicas, sociais e espaciais. As primeiras podem ocorrer, por exemplo, em face da impossibilidade dos moradores locais enfrentarem os preços subitamente altos de locação, ou mesmo por se desfazerem de suas propriedades sem possuírem suficiente familiaridade com os negócios mobiliários, o que pode resultar em perdas econômicas e aglomerações nos limites da área urbana, sobrecarregando a infra-estrutura física. Segregações sociais ocorrem quando o autóctone, frente aos hábitos e comportamentos de consumo e de relações sociais dos visitantes, percebe-se longe dessas possibilidades e

desenvolve sentimentos de menos valia em relação ao visitante. Diante de condições como estas, são comuns as atitudes defensivas e as dificuldades de comunicação, que geram hostilidades entre os atores: um por sentir-se inferior, outro por sentir-se superior e ambos por atuarem sem a devida compreensão do processo no qual estão imersos.

Aplicadas aos conjuntos de dados obtidos junto aos moradores da cidade de Porto Rico, estas considerações permitem a visualização e mesmo a compreensão de alguns processos psicossociais produzidos ou associados ao desenvolvimento das atividades turísticas na região.

Em primeiro lugar, os entrevistados exibem sentimentos de solidariedade e de pertencimento sociais. Eles não apenas sentem-se como parte da coletividade como valorizam tudo aquilo que consideram que traz benefícios a ela. Por isto, o turismo é considerado como um elemento positivo: ele trouxe ganhos para a cidade (como espaço físico e arquitetônico) e para a comunidade, já que tem gerado empregos e propiciado ganhos, ainda que apenas para alguns. O turismo trouxe progresso.

A pergunta que transparece em todo o conjunto de dados, no entanto, é: para quem? Boa parte dos entrevistados e de seus familiares exerce atividades profissionais ligadas ao turismo. Poucos, porém, apresentam-se como diretamente beneficiados pelo afluxo crescente de turistas à cidade e à região. Possivelmente porque as atividades que exercem geram rendimentos escassos e nem sempre constantes. Talvez porque a elevação dos valores das moradias os esteja forçando a deixarem suas casas, talvez porque a elevação dos preços os esteja forçando a deslocar-se para os municípios vizinhos, sempre que precisam suprir as necessidades de seus grupos familiares. Talvez porque os ganhos que vêm obtendo graças ao desenvolvimento das atividades turísticas não compensem as perdas trazidas por este mesmo desenvolvimento.

Estas possibilidades ao mesmo tempo transparecem e tornam compreensíveis três tendências de agrupamento das respostas dos entrevistados à segunda pergunta analisada: sob a perspectiva econômica, o desenvolvimento do turismo é visto como predominantemente positivo, para os moradores locais, considerados em conjunto, as avaliações são tanto positivas quanto negativas. Além disso, nenhum entrevistado afirmou que a sua vida pessoal tornou-se melhor após o incremento das atividades turísticas; 5 disseram que, antes, suas vidas eram melhores.

O desenvolvimento do turismo em Porto Rico parece vir ocorrendo sem que tenha havido um planejamento sistemático. Não há notícias sobre um plano municipal de desenvolvimento desta atividade nem parece haver um direcionamento conjunto dos

empreendimentos. As leis de mercado parecem ser as únicas a serem seguidas. Segundo estas, o lucro e a acumulação são sempre privilégios de poucos; o progresso, portanto, aparece muito mais como um elemento de manipulação simbólica: embora seja visível, não beneficia igualmente a todos.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, J. 1997. Da ideologia do progresso à idéia de desenvolvimento (rural) sustentável. Revista Educação Agrícola Superior, Brasília, v. 15, n. Especial, p. 51-85.
- Bardin, L. 1977. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Dupas, G. 2006. O mito do progresso. São Paulo: UNESP.
- Ignarra L.R. 2000. Fundamentos do turismo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Lemos, A. I. G. de,. 1999. Turismo: impactos socioambientais. São Paulo, Editora Hucitec.
- Milani, C.; Droulers, M. 2002. Desenvolvimento local e turismo em Tarrafal (Cabo Verde) – Lições metodológicas a partir de uma experiência local. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Paris, França.
- Ribeiro, G. L. 1992. Ambientalismo e Desenvolvimento Sustentado. Nova ideologia/utopia do desenvolvimento. Série Antropologia da UnB, v. 123, p. 2-36.